

ALEXANDRINA E LOZINHA: duas gerações e (quase) nenhum diálogo

Isabelle Priscila Carneiro de Lima*

Resumo

Neste artigo pretendemos contar em linhas breves a história de duas mulheres no contexto de seus dias – mãe e filha. A primeira à frente do seu tempo, a outra nem um pouco. Para isso, utilizamos elementos narrados por elas sobre suas vidas, suas interpretações acerca de fatos localizados nos seus respectivos tempos e, paralelamente, comparamos essas justificativas com o que nos traz a literatura sobre narrativas de gênero e geração. Para fundamentar e compreender algumas passagens, baseamo-nos nas falas de Tavares (2011), Delgado (2010) e Pollack (1989). Durante a escrita do texto, nos deparamos com dicotomias e contradições do comportamento dessas mulheres de gerações diferentes e buscamos, sempre que possível, sugerir nas passagens uma reflexão às leitoras.

Palavras-chave: mulheres, geração, narrativas.

Abstract

In this article we intend to briefly tell the story of two women in the context of their days - mother and daughter. The first ahead of its time, the other not at all. For this, we use elements narrated by them about their lives, their interpretations about facts located in their respective times and, in parallel, we compare these justifications with what the literature on gender and generation narratives brings us. To support and understand some passages, we used the speeches of Tavares (2011), Delgado (2010) and Pollack (1989). During the writing of the text, we are faced with dichotomies and contradictions in the behavior of these women of different generations and we seek, whenever possible, to suggest in the passages a reflection to the readers.

Keywords: women, generation, narratives.

* Possui graduação em Licenciatura Plena em Física pela Universidade Estadual da Paraíba (2010), mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba (2014) e doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências, pela Universidade Federal da Bahia.

Para começo de conversa....

Há uns 10 anos tenho uma inquietação que deve desaparecer depois da escrita deste texto. Eu sempre fiquei curiosa e busquei respostas para os comportamentos, as personalidades, as formas de encarar o mundo de duas pessoas que conheço e que viveram gerações diferentes, uma seguida da outra. Na verdade, eu fui apresentada ao que a história oficial conta e convencida de que o contexto da vida de uma mulher nos anos 1950 e 1960 é menos liberal e mais conservador do que aquele em que vive uma mulher nos anos 1970 e 1980. Sempre me foi vendida aquela ideia de que as mulheres possuem tarefas diferentes das dos homens, de que alguns comportamentos não são para mulheres, outros não são para os homens sempre. E isso se agrava quanto mais antiga é a geração dessa mulher. Sempre pensei que, devido a isso, as conquistas das mulheres aconteceram ano após ano, e que jamais seria possível que algumas de nós tivessem subvertido a ordem.

Agora, trago aqui duas histórias que, de acordo com os registros sobre a emancipação de mulheres, não combinam com o tempo em que foram escritas. Como narradora dessa história e autora desse texto fiz parte, ativamente, da vida dessas mulheres e conheço trechos dessa história. Alguns deles confirmaram-se ao longo da vida, outros foram desmentidos e identificados como “histórias boas para se contar e não causar comentários maldosos”.

Com isso, o objetivo principal desse texto é levar às leitoras uma narrativa da história de duas mulheres que viveram em gerações diferentes e que são de uma mesma família, precisamente, mãe e filha. Nessa narrativa, buscamos evidenciar como o padrão de vida associado às mulheres da década de 1950 e 1960 não ditou o modelo de vida seguido por Alexandrina, hoje com 72 anos. Por outro lado, pretendemos mostrar que Lozinha, sua filha, hoje com 57 anos, não se espelhou na mãe para assumir o lugar de mulher independente. Viveu um relacionamento nos moldes ditos para as mulheres corretas daquela época.

A metodologia adotada para obter os dados e recontar essa história, foi a realização de entrevistas com as duas personagens e o resgate de alguns diálogos presenciados

ao longo de minha vida. Ao final desse texto espero, pelo menos, o alívio do compartilhamento.

Quem são essas mulheres?

Alexandrina é uma mulher forte. Hoje com 75 anos. Não é possível saber com exatidão a idade dessa mulher, mesmo seus documentos de registro apresentando 1944 como o ano de seu nascimento. Conforme explica:

Naquele tempo as pessoas inventavam um ano de nascimento. Os registros eram feitos quando a gente já ‘se entendia por gente’. Eu nem me lembro direito da época em que eu nasci. (Sra. Alexandrina).

A infância não sobreviveu às memórias contadas. Pouco se sabe sobre bonecas, carrinhos, brincadeiras de rua. Sabe-se que Alexandrina começou sua vida de trabalho muito cedo na região metropolitana do Vale do Piancó, na Paraíba. Teve apenas um namorado, como era costume naquela região. Filha de pais rígidos, casou-se cedo e logo pariu. Uma menina, depois a segunda, Lozinha. Lozinha é a segunda personagem desse texto, mas, por enquanto, concentremo-nos na história de Alexandrina.

Essas crianças cresceram e, ainda na infância, foram obrigadas a abrir mão do conforto dos braços de seus familiares para embarcar numa viagem longa e tortuosa. Alexandrina precisava de um lugar que a ajudasse a suprir as suas necessidades e de suas filhas. Seu primeiro esposo sequer a ajudava, não era pai. Sendo assim, ela decidiu migrar para a cidade grande. Disposta como sempre, migrou e encontrou na cidade grande a oportunidade de recomeçar sua vida. Encontrou trabalho no mercado informal, mas vivia em condições precárias, morando em vilas, em quartos com pouco mais de 9m². Duas meninas ainda crianças e um desejo que não lhe cabia. Ganhar o mundo e fazer o seu próprio dinheiro, sem precisar que ‘companheiro’ nenhum lhe prendesse em casa, esquentando a barriga no fogão e esfriando no tanque.

Falta um elemento nessa história. Esse trecho é contado a partir das histórias compartilhadas por Alexandrina, mas Lozinha, a sua filha, confessou que sua mãe não viajou somente com o desejo de trabalhar numa cidade maior, mas sim porque encontrara um novo companheiro que lhe daria uma boa oportunidade.

Como Lozinha soube dessa história? Descobriremos mais adiante.

Alexandrina precisava trabalhar, por isso, ceifou a infância de suas filhas. Elas eram as donas de casa: “*A gente lavava e cozinhava. Nada de sair para procurar qualquer conversa na rua. Eu era a mulher e minha mãe o homem.*” (Lozinha).

É possível perceber o conceito de mulher e de homem que Lozinha possui. Para ela, sair para trabalhar fora é algo que somente homens faziam naquela época. Hoje, não mais. Na sua concepção, mulher não tem a obrigação de parir e cuidar das finanças da casa. Ela destaca que essa é a função de um casamento: O homem trabalha fora e a mulher mantém a casa em ordem.

Apesar de àquela época os movimentos feministas estarem ganhando espaço, isso não era a pauta no interior da Paraíba. O cenário apontado por Tavares (2011) de crescente inserção das mulheres nas universidades, no mercado de trabalho, novos métodos contraceptivos, a liberação sexual não é o cenário em que viviam essas mulheres tratadas no texto. Essa realidade é a das mulheres da classe média urbana. Aquelas mulheres que saíam das cidades rurais ainda experimentavam os sentimentos de repressão quando demoravam muito para se casar, ou não casavam, ou quando casavam e logo separavam. Mesmo que o esposo não fizesse do casamento um relacionamento saudável, essas mulheres amargavam uma culpa a elas atribuída por não saberem manter os seus casamentos. (TAVARES, op. cit.)

As mulheres das camadas populares sequer sabiam que não era mais tão absurdo ser uma mulher separada. Livrar-se do matrimônio e seguir uma rotina de trabalho fora de casa era um ato rebelde, principalmente quando se tinha filhas (não que hoje não se configure como tal, mas o contexto atual oferece maior liberdade às mulheres, segundo as palavras de Lozinha).

É importante frisar que Alexandrina não foi ao trabalho fora de casa por opção. Ela simplesmente não tinha como manter a casa. Ela escolheu trabalhar para alimentar suas crianças. A vida no Vale do Piancó já tinha esgotado as possibilidades de atividades rentáveis que garantissem a sobrevivência econômica da família.

Alexandrina viveu anos com um novo companheiro. Ele viajava muito, ela, como sempre, não tinha a presença do pai de suas crianças. Com esse segundo companheiro teve três filhos. Depois do nascimento deles, não se soube mais da presença do companheiro. Alexandrina prosseguiu. Quando perguntada sobre a possibilidade de encontrar outro homem que contribuísse com o trabalho e a manutenção da família, ela respondeu:

[...] até que eu queria, mas não encontrei. Muitos se interessavam por mim. Eu era vista como mulher separada e isso fazia com que eles me procurassem. Não quis. Não eram homens de futuro”. (Sra. Alexandrina)

Não se sabe se as decepções que teve com seus dois companheiros a levaram a desistir dos homens e continuar a vida sozinha. O certo é que depois de certo tempo, ela assume sua vida sozinha.

A vida de Lozinha, embora situada no contexto de uma geração mais à frente, não passa de um casamento com o primeiro namorado, filhas e a casa para se dedicar. Até hoje. Nunca trabalhou fora, não teve experiências afetivas na sua adolescência e idade adulta. Está casada há mais de 30 anos.

Pergunta-se: Como se explica a inversão das vivências afetivas dessas duas mulheres, no que tange às épocas em que viveram? Como Lozinha, tendo como referência de mulher a sua mãe, independente, funcionária da iniciativa privada, não segue o seu exemplo? Ao invés disso, tornou-se uma dona de casa exemplar, como diriam os conservadores. Será que sempre quis assumir uma identidade de mulher dona de casa?

Lozinha nasceu também em Itaporanga, em 1962. Não é o que consta no seu registro de nascimento. Segundo ela, os registros de nascimento eram feitos de qualquer jeito: “*Como pode eu ter nascido em 1959 se mãe nasceu em 1944 e eu ainda tenho uma irmã 2 anos mais velha?*”. (Lozinha)

Cresceu na cidade pequena. Teve uma infância memorável, diz ela. Não lembra do pai, mas sente muito a morte da avó, até hoje. Certo dia, contra sua vontade, viajou para a cidade grande onde sua mãe já morava há algum tempo.

A presença de um novo homem na família

Lozinha não guarda lembrança do pai¹. Morava com a avó até sair de mudança para a cidade grande. A única lembrança que tem é a de que foi arrancada dos braços de sua avó. Por sua vontade, teria crescido no sertão, cuidando de sua avó. Perdeu a infância, perdeu a vontade de ser criança. Foi obrigada a cuidar de uma casa.

Minha irmã só vivia batendo perna. Saía, chegava, comia e deitava. E ai de mim se não lhe servisse. Deus que a coloque num bom lugar, mas ela não prestava. Era arrogante, egoísta, grossa. Não se parecia nada comigo. (Lozinha.)

Lozinha não foi apresentada ao novo companheiro de sua mãe. Ela chegou na nova casa de sua mãe, na cidade grande, e se deparou com a seguinte situação: Sua mãe trabalhava como negociante, na sua casa havia um novo bebezinho e um senhor que não se sabe de onde saiu. Periodicamente passava por lá. Com o tempo, foi entendendo que aquele senhor era o novo companheiro de sua mãe e pai daquela criança que, para sua surpresa, era seu irmão.

Em rodas de conversa da família, a figura do segundo companheiro de Alexandrina não era mencionada. Era como se fosse vergonhoso ter um segundo marido. Lozinha escondeu a vida inteira de suas filhas, que seus irmãos eram filhos de outro pai. Como registra Pollak (1989, p. 8), não falar dessas memórias é o retrato da imposição do silêncio, como se fosse preferível não culpar as vítimas dessas memórias. Vítimas que se denominam assim, uma vez que a memória oficial, digamos, considera os pontos fora da curva como delitos, deslizos. E as pessoas que os cometem merecem ser culpadas por tal.

Uma fala de Alexandrina sempre está presente em minhas memórias: Uma vez em um almoço de família, falava-se sobre pais e mães. Um dos irmãos de Lozinha

perguntou sobre o esposo de sua mãe, Alexandrina. Ela assim respondeu: “Ele morreu depois que Lozinha nasceu”. E o irmão: “Oxente! E como foi que eu nasci?” Todas as pessoas presentes ficaram sem graça, uma vez que algumas delas não conheciam esse detalhe importantíssimo no crescimento desta família. Esse trecho da história ilustra perfeitamente o conceito de memórias subterrâneas, clandestinas e proibidas. Segundo Pollak (1989, p. 3), essas memórias afloram em momentos de crises e de sobressaltos. Não se fala nada até que alguém durante uma tensão qualquer, usando uma expressão bastante paraibana, “catuca e inflama uma ferida”. Até então, o desejo de Alexandrina era exclusivamente evitar o sofrimento dos filhos, uma vez que esse tipo de mulher não é bem recebida pela comunidade.

Esse sempre foi um assunto delicado. Para Lozinha isso era vergonhoso. Um segundo marido não era boa coisa. Segundo ela, só se casa uma vez. E esse casamento deve se sustentar mesmo sob circunstâncias extremas². Esse não era o pensamento de Alexandrina. Tanto que se relacionou com outro homem e ainda teve mais três filhos.

É importante notar que mesmo sendo fruto de uma geração anterior, Alexandrina não se mostra incomodada com comentários machistas feitos pela sua filha sobre esse ponto da história. Alexandrina, mais uma vez, se coloca, sem perceber, com um discurso completamente fora do seu tempo, da sua época. Para ela, a figura do segundo marido também era importante para lhe abrir portas, para tornar mais fácil o caminho árduo que a cidade grande lhe oferecia.

Mulher sim, dona de casa não!

Agora, eram 6 filhos. Já estavam na década de 1980. Mudaram-se de casa porque Alexandrina ganhou novo trabalho. A residência mudou, mas as condições da moradia pioraram. Agora eram mais crianças juntas. Era preciso de mais capital para alimentá-las. Continuavam morando em vilas. Pequenos cômodos sem muitos móveis.

¹ Não foi possível conhecer a ideia de pai da irmã mais velha de Lozinha. Ela já é falecida.

² E assim foi no seu matrimônio.

Eu sempre sonhei em morar em uma casa que tivesse a frente para rua. Nós sempre moramos em becos, para ver televisão só nas portas da vizinhança, quando não batiam a porta na nossa cara. (Lozinha)

Nesse ponto da história Alexandrina já seguia sem o seu segundo companheiro. Era uma mulher sozinha para cuidar de suas filhas. E, como é de se esperar, sofria muito assédio por isso. Lozinha comenta:

Eu lembro que o dono dos quartos onde morávamos tinha um cavalo. Ele passava a cada final de mês para recolher o dinheiro do aluguel. Eu sempre percebi que ele queria algo com a minha mãe. Olhava diferente, procurava conversa. (Lozinha)

Em complemento a isso, Alexandrina confirma que: *“Certa vez ele me propôs que eu não precisaria pagar o aluguel se eu me deitasse com ele. Um imundo. Eu nunca o fiz. Tinha nojo.”* (Alexandrina)

É possível perceber nas falas de Alexandrina um vislumbre de que isso se configura em assédio, diferentemente de muitas mulheres de sua época que associam esse comportamento dos homens como sendo algo natural. O homem é provedor desde que a mulher ceda aos seus caprichos. O homem compra a feira da família e, em troca, a mulher lhe satisfaz. Afinal de contas, para a geração dos anos 1950 e 1960, o discurso moralizante era de que a mulher deve se casar, formar a sua família e ser submissa aos desejos dos homens. (TAVARES, 2011, p. 95)

Alexandrina seguiu até hoje sem ter um novo companheiro. À medida que os filhos cresciam, ela sentia mais a opressão deles, nesse sentido. Discursos como: *“Não existe necessidade de uma mulher da sua idade, procurar namoro, mãe”*. Além disso, o trabalho lhe consumia muito, era plantonista em um hospital da cidade e a carga horária era bem desgastante.

Alexandrina seguiu trabalhando. Sempre em serviços subalternos, como faxineira. Seus filhos cresceram, alguns se casaram, e entre esses, Lozinha. Casou-se com seu primeiro namorado. Sentiu, pela primeira vez, a satisfação de morar em uma casa com a frente para a rua. Seu marido era o provedor. Por causa do casamento, largou a escola. Não conseguiu completar a 8ª série, precisava dar conta da casa e, logo mais, da primeira filha. Pariu a primeira vez e, 7 anos depois, a segunda. Viveu um relacionamento nos moldes tradicionais. O

homem trabalha, coloca dinheiro dentro de casa, e a mulher lhe oferece comida e roupa lavada.

Viveu os conflitos ocasionados por uma relação extraconjugal de seu esposo. Nunca saiu de casa. Pensou muito sobre a separação, mas ia viver de que? Como suas filhas comeriam? E pondera: *“Quando a gente não trabalha, a gente tem que se submeter.”* (Lozinha)

Eis o ponto alto dessa história. É nesse momento que localizamos a submissão de uma mulher fruto de uma família com uma dinâmica completamente diferente. Filha de uma mãe que nunca desistiu da vida fora de casa, de ser independente, que não se submeteu aos caprichos de um homem, sempre se impondo para que não perdesse o seu lugar, isto é, continuasse senhora de si. Nesse sentido, pergunto mais uma vez: Como Lozinha, tendo como referência de mulher a sua mãe, independente, funcionária da iniciativa privada, não segue o seu exemplo? Ela responde: *“É diferente! Mãe tinha com quem deixar os meninos para trabalhar. E eu? Ia levar comigo? Não dá para trabalhar assim. Patrão nenhum quer.”* (Lozinha)

Lozinha também pensava que não seria possível ser feliz sozinha. Jamais cogitou a possibilidade de, talvez, dar a chance a outro relacionamento. Isso para ela não é interessante. Além do fato de colocar outro companheiro no lugar daquele que deveria ser para sempre, ainda poria em risco as suas duas filhas, porque ela não confia em homem nenhum que não seja da família dentro de casa. E reforça seu ponto de vista: *“Colocar outro homem dentro de casa? Com duas filhas mulher? Não. Não arriscaria.”* (Lozinha)

Tento a todo custo, pergunto sobre a possibilidade de suas filhas ficarem com a sua mãe e ela insiste que não dá certo. Não se entrega. Enfim, os reais motivos não extrapolam o seu discurso. São muito pessoais e difíceis de serem compartilhados. É o que percebo. Mesmo hoje, com suas filhas crescidas, Lozinha insiste em justificar a não separação na dependência financeira de seu esposo.

A velhice de Alexandria, a meia idade da sua filha e a relação com a beleza

Alexandrina, enfim, aposentou-se, embora a contragosto. Dizia que tinha sido vítima de uma injustiça, por pouco não enlouquece, entra em depressão

ou algo semelhante. Concordando com Delgado (2010, p. 200), nessa época percebíamos a verdadeira expressão da contradição entre o direito ao descanso e a valorização de uma vida ativa. A necessidade de estar em movimento, fazendo algo, para que não se rendesse à vida pacata de dentro de casa.

Percebo que existe muito em comum entre Dona Ana (uma das sujeitas da pesquisa de Delgado (2010) e Alexandrina. Conforme ela enfatiza: *“Se ligassem para mim do hospital (lugar onde trabalhou por mais de 20 anos), eu voltaria a trabalhar agora”*. (Alexandrina)

Alexandrina repete isso todos os dias. Ano passado, em seu aniversário de 72 anos, perguntei: Nestes 72 anos, o que a senhora sente mais saudade? Ela, de pronto, sem nem pensar, respondeu: “Meu trabalho.” Os olhos marejados e a saudade estampada na sua expressão facial, verbaliza: *“Eu acordo quando ainda está escuro. Varro a casa, lavo os pratos, faço café e o dia vai amanhecendo. Varro a calçada e espero minha filha chegar.”* (Alexandrina)

Diariamente Lozinha visita sua mãe. Elas moram a 500m de distância. É como se houvesse uma necessidade de ouvir a voz, de sentir o cheiro, olhar como anda a casa. Estou tentando encontrar uma explicação para esse fato. Aliás, nem sei se existe. Por serem mulheres com mundos diferentes na cabeça, também discutem muito. Se desentendem facilmente, mas logo passa.

Conforme Delgado (2010) nos fala, é como se o movimento do corpo e o trabalho associado a ele fosse algo legítimo para a pessoa velha. *“O movimento é reputado positivamente, pois evita ou adia a realização de alguns dos mais temidos estigmas da velhice: a perda do controle corporal ou cognitivo, geradora de invalidez e da dependência, bem como a solidão, a exclusão social”* (DELGADO, 2010, p. 202).

Para concordar com isso, Alexandrina conheceu um grupo de pessoas da mesma faixa etária que praticava atividades físicas próximo à sua casa. Encantou-se. Não podia falhar um dia. Caminhava (ainda tenta, até hoje) cerca de 2km diariamente, lutando contra as dores que os calos adquiridos ao longo da vida lhe causaram. Voltava renovada. O papo era outro, ausente a lamentação por não poder trabalhar mais. Dançava nas

festas juninas, fazia atividade física e repetia cotidianamente seus ganhos de massa corporal e o seu vigor físico. *“Eu não tenho uma dor em cima de mim!”* Repetia até uns anos atrás. Nunca se conformou em saber que suas netas não praticavam atividade física, não se cuidavam como deveriam. Era ativa! Como se diz na Paraíba, ‘Terra quente! Pinga fogo!’

Junto a isso, vieram as tentativas de ficar jovem. Dinheiro não tem para plásticas, mas afirma que se tivesse, já teria feito várias. Entre cremes para rejuvenescer, batons, maquiagens, perfumes, meias, bijuterias etc. Alexandrina leva sua vida na velhice.

É curioso notar a posição dos seus filhos frente a esse comportamento. Eles são favoráveis à prática de atividades físicas, no entanto, sempre a criticam. Dizem que o excesso de vaidade é algo para gente nova. Repetem sempre que não é necessário esse exagero na compra de produtos para beleza. Ela não dá ouvidos. Segue comprando, usando e respondendo prontamente qualquer comentário. Repete que o dinheiro é dela, ninguém paga suas contas e vai levando a vida com uma saúde de causar inveja a todas.

Algumas considerações

Não sei se esse é um tipo de história que se repete nas famílias, mas para mim, ela retrata o quanto Alexandrina se mostra uma mulher transgressora. O quanto padrões de organização social do trabalho e suas imbricações com aspectos de gênero localizam uma época, mas também nos ajudam a perceber que a emancipação das mulheres não está localizada apenas em uma época ou em classes sociais determinadas. Alexandrina nunca estudou. É analfabeta ‘de pai e mãe’ como ela mesma diz. Nunca se emancipou através das leituras, tampouco cursou uma universidade. Foi mulher sem precisar da sombra de ninguém. Nunca foi fácil. Até hoje sofre com os comentários maldosos de alguns filhos quando resolve usar o seu batom vermelho ou sua calça apertada.

Esse texto é final da catarse desta autora (iniciada no curso de Memórias e narrativas de gênero e geração). Ele expressa a necessidade de externar todo meu olhar sobre a situação e, os rápidos flashes teóricos que utilizo, ajudam a dar um tom de texto científico a uma história marcante e que sempre incomodou nas festas da

família. Lozinha e Alexandrina pouco se identificam, mas é possível perceber o quanto se completam. O que seria da emancipação de Alexandrina se Lozinha não se dispusesse a cuidar de sua casa, a cuidar de seus irmãos como se fossem seus filhos? O que seria de tantas filhas que têm suas mães em jornadas de trabalho insanas?

É importante salientar, para concluir, que a inversão dos papéis assumida por Alexandrina, no que diz respeito a exercer o que comumente se denomina funções de homens, não foi de vontade própria. Alexandrina não decidiu ser uma mulher diferente. Ela precisou ousar, mas também abriu mão do que seria mais bem visto (não mais plausível), que era deitar-se com outro homem que lhe garantisse a manutenção dos bens daquela família.

Referências

DELGADO, J. Velhice, corpo e narrativa. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 34, p. 189-212, 2010.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

TAVARES, M. Sexo, afeto e solteirice: intersecções de gênero, raça e geração entre mulheres de classe média. *In: Gênero, mulheres e feminismos*. Alinne Bonneti e Ângela Maria Freire de Lima e Souza (Org.). Salvador: EDUFBA; NEIM, 2011.